

Formação da personalidade e educação inclusiva no Haiti: um estudo de caso ficcional sob a perspectiva histórico-cultural.

Maxo St Victor y Vera Lucia Martiniak.

Cita:

Maxo St Victor y Vera Lucia Martiniak (Noviembre, 2025). *Formação da personalidade e educação inclusiva no Haiti: um estudo de caso ficcional sob a perspectiva histórico-cultural*. III Congresso Nacional de Ensino do PPIFOR (CEPPIFOR). Unespar, Paranaíba.

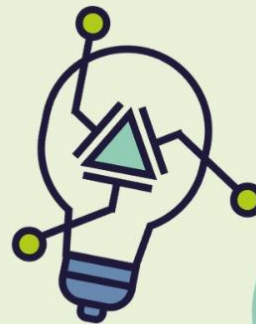
Dirección estable: <https://www.aacademica.org/maxo.st.victor/30>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pxZC/qZ3>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO HAITI: UM ESTUDO DE CASO FICCIONAL SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Maxo St Victor¹
Vera Lucia Martiniak²

Resumo: Este estudo analisa como fatores históricos e culturais influenciam a formação da personalidade de sujeitos haitianos, à luz da psicologia histórico-cultural. Fundamentado nas contribuições de Vygotsky (2001) e Leontiev (1978), e articulado com o pensamento decolonial de Fanon (2008) e Mignolo (2007), o estudo adota uma abordagem qualitativa, teórica e interpretativa. Utiliza como recurso metodológico a construção de um estudo de caso ficcional — o personagem Jean, um menino haitiano de 12 anos — a fim de representar simbolicamente sujeitos reais que vivenciam contradições culturais, linguísticas e sociais. A análise evidencia que a colonialidade persiste na linguagem, na educação e nas práticas simbólicas, afetando a constituição subjetiva. Conclui-se que o desenvolvimento da personalidade é mediado por conflitos entre a cultura viva e os valores institucionalizados, sendo necessário repensar práticas pedagógicas a partir de uma perspectiva descolonial e culturalmente situada.

Palavras-chaves: Colonialidade. Ficcionalização. Haiti. Psicologia histórico-cultural. Subjetividade.

Introdução

A formação da personalidade é um processo complexo, construído por meio das relações sociais, históricas e culturais em que o sujeito está inserido. Sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural, compreende-se que o desenvolvimento da personalidade ocorre através da mediação simbólica e da atividade prática, resultando de interações concretas com o ambiente social. Nesse paradigma, a subjetividade não é entendida como essência inata, mas como produto das experiências vividas em contextos historicamente determinados (Vygotsky, 2001; Leontiev, 1978).

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Haiti (UEH). Mestrado em História, Memória e Patrimônio pela Universidade Estadual do Haiti e pela Universidade Laval (UEH-ULaval). Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: 240302100000@uepg.br

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG. E-mail: vmartiniak@uepg.br

Quando se observa a realidade haitiana, esse processo adquire contornos particulares. Trata-se de uma sociedade atravessada por heranças coloniais profundas, marcada por desigualdades estruturais, bilinguismo imposto e tensão constante entre valores locais e modelos externos de dominação. Mesmo após a independência, o Haiti permaneceu subalternizado no sistema-mundo moderno-colonial, o que afeta diretamente a construção da identidade individual e coletiva de seus sujeitos (Fanon, 2008; Mignolo, 2007).

Neste contexto, o presente trabalho propõe uma análise da formação da personalidade com base em um estudo de caso ficcional, desenvolvido a partir de elementos recorrentes da realidade haitiana. A construção de um personagem fictício permite representar, com liberdade metodológica e responsabilidade ética, situações típicas vividas por sujeitos reais. A opção pela ficcionalização justifica-se como estratégia pedagógica e analítica para abordar com profundidade os impactos da história, da cultura e da linguagem na constituição subjetiva (Ricoeur, 2007).

A pergunta que norteia esta investigação é: Como os fatores históricos e culturais influenciam a formação da personalidade de sujeitos haitianos, à luz da psicologia histórico-cultural? A pesquisa parte da seguinte hipótese: Em contextos marcados pela colonialidade, como o haitiano, a formação da personalidade é atravessada por conflitos simbólicos e sociais que impactam diretamente a constituição subjetiva, especialmente quando há disparidades entre a cultura vivida e as instituições normativas.

O objetivo deste trabalho é: Analisar, sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural, como fatores históricos e culturais influenciam a formação da personalidade de sujeitos haitianos, por meio da construção e interpretação de um estudo de caso ficcional. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter teórico-interpretativo. Utiliza-se a construção de um personagem ficcional como recurso metodológico para representar sujeitos sociais a partir de traços típicos, sem comprometer a cientificidade da análise.

A fundamentação teórica se apoia nas contribuições de Vygotsky (2001), Leontiev (1978), Fanon (2008), Mignolo (2007) e Ricoeur (2007), cujas obras serão aprofundadas na seção de referencial teórico. Por meio dessa abordagem, espera-se contribuir com a compreensão crítica da subjetividade em contextos periféricos, valorizando a interseção entre psicologia, cultura, linguagem e história, e propondo uma leitura descolonial dos processos formadores da personalidade.

Fundamentação teórica

A Psicologia Histórico-Cultural e a Formação da Personalidade

A psicologia histórico-cultural, fundada por Vygotsky (2001) parte da premissa de que as funções psíquicas superiores emergem a partir das interações sociais e culturais. Conforme argumenta o autor, a linguagem exerce um papel central nesse processo, funcionando como o principal instrumento de mediação simbólica, capaz de converter mecanismos biológicos em processos especificamente humanos.

O desenvolvimento da personalidade, portanto, não é espontâneo nem linear, mas resultado de experiências socialmente organizadas. “Em sua gênese, a personalidade resulta de relações dialéticas entre fatores externos e internos sintetizados na atividade social do indivíduo” (Martins, 2007, p. 86). A internalização de signos culturais, como a linguagem, permite que o sujeito construa sua consciência a partir da interação com o outro. Nesse processo, o ambiente social é constitutivo — não apenas contexto — do desenvolvimento.

A zona de desenvolvimento proximal (ZDP), conceito central em Vygotsky (2001), explicita que a aprendizagem é sempre potencializada pela relação com adultos ou pares mais experientes, em atividades culturalmente situadas. Complementando essa perspectiva, Leontiev (1978) introduz o conceito de atividade, defendendo que a personalidade se forma a partir do engajamento do sujeito em ações orientadas por motivos socialmente definidos.

“Marx, em sua época, levantou de forma contundente o problema de existência humana e sobretudo o problema da relação entre indivíduo e a sociedade, ou seja, entre indivíduo e gênero humano” (Martins, 2007, p. 38). A consciência humana emerge como produto da atividade prática e comunicativa, e a formação da personalidade está diretamente vinculada à maneira como o sujeito participa da vida social, responde às exigências históricas e internaliza significados coletivos.

Assim, a psicologia histórico-cultural oferece um arcabouço sólido para compreender a formação da personalidade como um fenômeno relacional, cultural e dinâmico — aspectos essenciais para analisar sujeitos em contextos socialmente desafiadores, como o haitiano.

Colonialidade e Subjetividade: A Questão Haitiana

Ao aplicar a psicologia histórico-cultural a realidades periféricas e colonizadas, é necessário incorporar a crítica de autores decoloniais, como Fanon (2008) e Mignolo (2007). Fanon (2008), ao refletir sobre a condição dos sujeitos colonizados, demonstra como a colonização não se restringe ao domínio político e econômico, mas também impõe padrões de subjetivação.

O processo colonial impõe ao sujeito colonizado a negação de sua própria cultura, de sua língua materna e de sua corporeidade, levando-o a interiorizar os valores do colonizador como normas superiores. Tal dinâmica resulta em alienação, ruptura identitária e profundo sofrimento psíquico, à medida que o indivíduo se distancia de suas referências originárias.

No caso particular da sociedade haitiana, essas tensões são bem ilustrativas. A imposição do bilinguismo (crioulo versus francês), a desvalorização das práticas religiosas locais e a adoção de currículos escolares ancorados em paradigmas eurocêntricos exemplificam aquilo que Fanon (2008) denomina como “colonização do inconsciente”, isto é, a interiorização de padrões coloniais que afetam profundamente a subjetividade dos povos dominados.

O sujeito haitiano, como tantos outros em contextos pós-coloniais, experimenta um conflito profundo entre o que vive e o que é socialmente valorizado. Ampliando essa discussão, Mignolo (2007) apresenta os conceitos de colonialidade do ser e de delinking, propondo uma ruptura com as estruturas coloniais do pensamento. Para o autor, a colonialidade permanece ativa mesmo após a independência formal, operando como matriz de opressão nos saberes, na linguagem e nas subjetividades.

Delinking, nesse sentido, seria o processo de ruptura epistemológica com os modelos ocidentais dominantes, permitindo o surgimento de formas locais de conhecimento e subjetivação. Com isso, Mignolo oferece uma base teórica importante para repensar a formação da personalidade haitiana sob um olhar descolonial.

Ficcionalização e Hermenêutica: Narrar para Compreender

A opção metodológica por construir um estudo de caso ficcional encontra respaldo na filosofia hermenêutica, particularmente na obra de Ricoeur (2007). Para o autor, a

narrativa é uma forma privilegiada de organização e interpretação da experiência humana. Ricoeur (2007) defende que a ficção não se opõe à verdade, mas revela aspectos profundos da realidade que a objetividade científica nem sempre consegue alcançar.

Através da construção narrativa, torna-se possível articular tempo, identidade e conflito, permitindo a compreensão do sujeito em sua complexidade simbólica e histórica. Ao criar um personagem ficcional baseado em traços recorrentes da realidade haitiana, este trabalho busca representar um tipo social, com o intuito de ilustrar, interpretar e problematizar categorias teóricas.

Desse modo, a ficcionalização é aqui utilizada não como fuga da realidade, mas como instrumento metodológico de aproximação e crítica. Em articulação com a psicologia histórico-cultural e o pensamento decolonial, a narrativa torna-se um meio de dar voz a sujeitos muitas vezes silenciados pela colonialidade do saber.

Metodologia

Esta pesquisa possui natureza qualitativa e caráter teórico-interpretativo. Sua finalidade é compreender, por meio de um estudo de caso ficcional, como a formação da personalidade de sujeitos haitianos pode ser analisada à luz da psicologia histórico-cultural, considerando o contexto de colonialidade que marca as experiências históricas e culturais desse país.

O estudo não se apoia em dados empíricos coletados diretamente com participantes reais, mas sim na construção de um personagem fictício, elaborado a partir de elementos reconhecíveis da realidade haitiana. Tal abordagem se justifica metodologicamente pelo uso da ficcionalização crítica, fundamentada na hermenêutica narrativa de Ricoeur (2007), como estratégia válida para representar tipos sociais e ilustrar situações vividas por sujeitos historicamente situados.

A ficcionalização adotada aqui não é arbitrária nem literária no sentido romanesco, mas sim uma simulação rigorosa construída a partir de informações documentais, pesquisas prévias, experiências históricas do Haiti e estudos sobre sua cultura, linguagem, religião e educação. O personagem é uma síntese de aspectos coletivos que afetam diretamente a subjetividade de crianças e jovens haitianos.

Com isso, busca-se preservar a densidade teórica, respeitar a complexidade social e evitar a exposição de sujeitos reais. A construção do estudo de caso segue três etapas:

1. Delimitação do perfil do personagem (nome, idade, classe social, local de moradia, experiências escolares e culturais);
2. Desenvolvimento de uma narrativa breve, na qual se apresentam os conflitos vividos pelo personagem em seu processo de formação da personalidade;
3. Análise da narrativa, com base nos conceitos da psicologia histórico-cultural e das teorias decoloniais, visando interpretar como as mediações sociais e culturais afetam a constituição subjetiva.

A fundamentação teórica da pesquisa ancora-se nos pressupostos de Vygotsky (2001) e Leontiev (1978), no campo da psicologia histórico-cultural; em Fanon (2008) e Mignolo (2007), no campo dos estudos decoloniais; e em Ricoeur (2007), no campo da hermenêutica da narrativa.

Essa escolha metodológica permite, portanto, articular teoria e prática simbólica de forma reflexiva, sem abrir mão do rigor científico. A narrativa fictícia não substitui a realidade empírica, mas propõe um modelo interpretativo que torna visíveis dinâmicas subjetivas difíceis de captar por meio de métodos tradicionais.

Resultados e Discussão

Apresentação do caso

Jean é um menino haitiano de 12 anos, morador da zona rural da região de Artibonite, no Haiti. Reside com sua mãe, sua avó e dois irmãos mais novos em uma habitação modesta, construída com barro e coberta por chapas de zinco. Seu pai migrou para a República Dominicana em busca de trabalho e mantém contato esporádico com a família. Jean é falante nativo de crioulo haitiano, mas a escola onde estuda adota exclusivamente o francês como língua de instrução, o que frequentemente lhe gera dificuldades de compreensão e expressão.

Assim, “A escola contribuiu para a reprodução das desigualdades e a consolidação de um modelo elitista” (St Victor, Martiniak, 2025b, p. 1). A mãe de Jean é vendedora ambulante e sua avó, respeitada na comunidade, é praticante do vodou³ haitiano, o que

³ O vodou (vodu) é uma prática religiosa no Haiti que apresenta características semelhantes ao candomblé no Brasil. Essa prática, que desempenhou um papel importante na luta pela independência haitiana, foi proibida por muitos anos após a independência do país.

influencia diretamente a formação simbólica e espiritual desse menino. Ao mesmo tempo, a escola e a igreja católica local condenam essa religiosidade como superstição ou atraso, criando conflitos internos no menino entre o saber tradicional familiar e os valores normativos institucionais.

Jean gosta de desenhar, observar a natureza e ouvir as histórias que sua avó conta à noite, muitas das quais remontam a mitos africanos e memórias da escravidão. O rendimento escolar de Jean é mediano. Apesar de demonstrar curiosidade intelectual e participação ativa, ele frequentemente experimenta sentimentos de desvalorização devido à sua limitada fluência na língua francesa.

Seus professores, que também foram educados em francês e se sentem pressionados a manter o modelo "formal", não estimulam o uso do crioulo nem reconhecem as narrativas culturais locais como fonte legítima de conhecimento.

Conflitos e Tensões Vividas

Jean vive uma experiência subjetiva marcada por conflitos linguísticos, culturais e sociais. Em casa, ele se comunica livremente em crioulo, compartilha saberes populares e recebe afeto em uma linguagem emocionalmente significativa. Na escola, no entanto, sente-se deslocado e reprimido, pois o idioma que domina é ignorado ou tratado como inferior.

A discrepância entre a experiência cotidiana dos alunos e as exigências do ambiente escolar gera inseguranças, bloqueios no aprendizado e sentimentos de inadequação. Além disso, Jean enfrenta as consequências de um contexto social marcado por desigualdades e instabilidade, no qual sua mãe, sobrecarregada, não consegue acompanhar de forma efetiva seu percurso escolar.

Sem a presença paterna e diante das dificuldades financeiras, ele também sofre com a fragilização da autoestima e encontra obstáculos para construir expectativas positivas em relação ao futuro. O desprezo institucional pela religiosidade vodou o faz sentir vergonha de práticas familiares que, ao mesmo tempo, lhe oferecem sentido de pertencimento e identidade.

Jean está, portanto, inserido em uma atividade social contraditória, na qual os instrumentos culturais que deveriam mediar seu desenvolvimento (como a linguagem e a escola) tornam-se, em certos momentos, fatores de exclusão. O estudo de St Victor e

Martiniak (2025b, p. 4) mostrou como a política linguística pós-independência no Haiti fortaleceu a elite francófona.

Essa situação é representativa de uma realidade coletiva: milhares de crianças haitianas vivem o dilema entre a valorização de suas raízes e a imposição de modelos externos. A influência dos modelos educacionais ocidentais, especialmente franceses e britânicos, é visível na estruturação das primeiras escolas haitianas (St Victor, Martiniak, 2025a, p. 38).

Possibilidades de Mediação e Formação

Apesar das adversidades, Jean demonstra potencial criativo e afetivo significativo. Sua relação com a avó, sua imaginação fértil e sua capacidade de escuta e narração o tornam um sujeito em formação com potencial para desenvolver uma personalidade crítica e culturalmente enraizada. Se houvesse um ambiente educativo mais inclusivo, que valorizasse o crioulo como língua legítima de instrução e reconhecesse os saberes populares como parte do currículo, o processo de formação de Jean poderia se dar de forma mais integral e afirmativa.

“Valorizar essa língua na escola facilita a aprendizagem, fortalece a identidade cultural e aprimora habilidades cognitivas” (St Victor, Martiniak, 2025c, p. 4). “Necessariamente vale-se da língua/linguagem para tanto e desenvolve o pensamento verbal” (Barroco, 2007, p. 245). A análise do caso de Jean, à luz da psicologia histórico-cultural, permite compreender como a personalidade se constitui na intersecção entre o vivido e o instituído, entre a história coletiva e a trajetória individual.

Nesse sentido, Jean não é apenas um personagem: ele representa um tipo social cujas experiências são marcadas por colonialidade, mas também por resistência e possibilidades de reconstrução simbólica.

A análise teórica

A análise do caso de Jean, sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural, permite compreender como a personalidade é constituída pela relação dialética entre sujeito e contexto. De acordo com Vygotsky (2001), a formação da consciência não se dá

de forma isolada, mas em processos de mediação social, principalmente por meio da linguagem. Esta é essencial para o desenvolvimento do ser humano (Bakhtin, 1993).

No caso de Jean, a linguagem — ao invés de funcionar como instrumento de aproximação — aparece como barreira: o francês, imposto como língua escolar, não é o idioma com o qual ele organiza internamente seus afetos, pensamentos e experiências cotidianas. Essa situação evidencia uma mediação simbólica excludente, na qual o instrumento linguístico dominante na escola não corresponde à realidade vivida do sujeito.

Isso produz, segundo Leontiev (1978), uma contradição na atividade: Jean é convocado a participar de um processo educativo cuja linguagem e valores negam sua experiência social. A consequência é a limitação da internalização de novos conhecimentos e, em termos subjetivos, o desenvolvimento de sentimentos de inadequação e insegurança.

Além do aspecto linguístico, a formação da personalidade de Jean também é marcada por tensões culturais e espirituais. A escola e a igreja — instituições herdeiras do modelo colonial de normatização — deslegitimam o vodou e os saberes tradicionais, vividos por Jean em seu núcleo familiar. Essa negação simbólica do universo cultural do sujeito reproduz o que Fanon (2008) chama de colonialismo psíquico: a introjeção da ideia de que sua cultura de origem é inferior ou vergonhosa.

Essa internalização do olhar colonizador compromete a autoestima, a identidade e a estruturação simbólica do sujeito. Mignolo (2007), ao discutir o conceito de colonialidade do ser, reforça que esse tipo de subjetivação opera mesmo em contextos “pós-coloniais”, por meio de instituições que impõem modelos eurocentrados de existência, linguagem e racionalidade.

A escola haitiana, ao privilegiar o francês e currículos distantes da cultura local, funciona como espaço de reprodução da colonialidade, afastando o sujeito da possibilidade de reconhecimento pleno de sua experiência e saberes. Ainda assim, a análise do caso de Jean também aponta para potências formadoras.

A relação afetiva com a avó, as histórias orais transmitidas, o valor simbólico do vodou e a vivência do crioulo como língua emocional criam zonas de resistência simbólica. Esses elementos constituem, no sentido vygotskiano, zonas de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 2001), que poderiam ser mobilizadas por uma pedagogia mais sensível e culturalmente situada.

Ao invés de negar esses aspectos, o processo educativo deveria potencializá-los como alicerce para o desenvolvimento subjetivo. Do ponto de vista da atividade, Jean

participa de ações significativas — como narrar histórias, ajudar a família, observar o ambiente — que poderiam ser transformadas em atividades formadoras, conforme propõe Leontiev (1978). Porém, essas experiências não são reconhecidas como legítimas pelas instituições que moldam sua formação formal.

A desconexão entre as práticas vividas e as práticas ensinadas bloqueia a continuidade entre experiência cotidiana e desenvolvimento da personalidade. Finalmente, a escolha metodológica de apresentar Jean por meio da ficcionalização permite, conforme argumenta Ricoeur (2007), uma compreensão narrativa da experiência humana.

Através da construção simbólica de um tipo social, a pesquisa torna visíveis conflitos internos e estruturais que dificilmente seriam acessados por métodos empíricos tradicionais. A ficção, nesse caso, não dilui a realidade, mas a torna mais inteligível, articulando ética, crítica e imaginação como formas de leitura da subjetividade.

Considerações finais

Este artigo analisou, sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural, como fatores históricos e culturais influenciam a formação da personalidade de sujeitos haitianos, por meio da construção e interpretação de um estudo de caso ficcional. Os resultados indicam que a constituição da personalidade sofre interferências de tensões simbólicas e institucionais, que se manifestam no silenciamento dos conhecimentos tradicionais, na exclusão da língua materna do espaço escolar e na deslegitimação de práticas religiosas comunitárias.

A experiência narrada por Jean sugere que o desenvolvimento subjetivo se constrói na articulação entre referências culturais internalizadas e normas legitimadas socialmente. Ao mesmo tempo em que enfrenta processos de exclusão, o personagem também manifesta formas de resistência, como a oralidade, o afeto familiar e a preservação de tradições. Esses elementos indicam possibilidades de reconstrução simbólica e oferecem caminhos para pensar práticas pedagógicas mais inclusivas.

A pesquisa contribui para o avanço do conhecimento ao propor a valorização de perspectivas críticas e culturalmente situadas na compreensão da subjetividade em contextos marcados pela colonialidade. Também reforça a importância de reconhecer a pluralidade de experiências culturais como parte constitutiva do desenvolvimento humano.

Entre as limitações, destaca-se a ausência de dados empíricos coletados diretamente com sujeitos reais, o que restringe a análise às dimensões simbólicas representadas pela ficcionalização. Como desdobramento, sugere-se a realização de estudos de campo em comunidades haitianas, tanto rurais quanto urbanas, que aprofundem o impacto da linguagem, da cultura e da escola sobre o desenvolvimento da personalidade.

Em síntese, compreender a formação da personalidade em contextos periféricos exige reconhecer as tensões entre heranças coloniais e práticas culturais locais. Defende-se, assim, a necessidade de uma educação inclusiva no Haiti, que valorize a língua crioula, a religiosidade e os saberes locais como parte constitutiva do processo formativo.

Referências

BAKHTIN, M. **Para uma Filosofia do Ato Estético**. São Paulo: Hucitec. 1993

BARROCO, S. M. S. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais**. 2007. 414 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de José Carlos Libâneo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MARTINS, L. M. **A formação social da personalidade: um enfoque Vigotskiano**. Campinas: Autores Associados. Coleção formação de professores, 2007.

MIGNOLO, W. D. Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 449-514, 2007.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François, Luiz Fernando Santos, Newton Paulo Bueno. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ST VICTOR, M., MARTINIAK, V. L. "A influência dos modelos educacionais ocidentais nas políticas educacionais no Haiti de 1804 a 1843: desafios e questões para a inclusão social". In: BRESSANIN, C. E. F. B., ALMEIDA, M. Z. C. M. DE (Org.), **Anais do IV Colóquio Internacional DGP "Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais**, Porto Nacional, Edição dos Autores, 2025a. v. 1. p. 36–42. DOI: [10.13140/RG.2.2.23052.63366](https://doi.org/10.13140/RG.2.2.23052.63366).

ST VICTOR, M., MARTINIAK, V. L. "Língua e poder no Haiti (1804-1843): a educação como instrumento de elites". In: **Anais do Simpósio em Psicologia Concreta: "Psicologia Concreta e século XXI"**, 1, 29 jul. 2025b. **Anais [...]** Ponta Grossa, Even3, 29 jul. 2025. p. 1-5. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/ii-simposio-em-psicologia-concreta/1075719-lingua-e-poder-no-haiti-\(1804-1843\)--a-educacao-como-instrumento-de-elites](https://www.even3.com.br/anais/ii-simposio-em-psicologia-concreta/1075719-lingua-e-poder-no-haiti-(1804-1843)--a-educacao-como-instrumento-de-elites). Acesso em: 1 ago. 2025.

ST VICTOR, M., MARTINIAK, V. L. "Ensinar as crianças em sua língua materna: uma alternativa para democratizar a educação no Haiti". In: **Anais do Simpósio em Psicologia Concreta: "Psicologia Concreta e século XXI"**, 1, 29 jul. 2025c. **Anais [...]** Ponta Grossa, Even3, 29 jul. 2025. p. 1-5. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/ii-simposio-em-psicologia-concreta/1075720-ensinar-as-criancas-em-sua-lingua-materna--uma-alternativa-para-democratizar-a-educacao-no-haiti>. Acesso em: 1 ago. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.